
APRESENTAÇÃO

Nos últimos quinze anos, a população carcerária do país praticamente triplicou. As revoltas e os massacres que atingiam São Paulo se espalharam e hoje se dão em capitais menores, como Boa Vista e Fortaleza. De fato, estamos mergulhados numa crise ampla e generalizada, cujas proporções não conhecemos. Pois, diferentemente de outras “pautas”, esta não tem ganhado a percepção social que julgamos merecer, na grande imprensa, na grande política.

Nesse contexto, consideramos fundamental refletir e elaborar o nosso passado prisional a partir, sobretudo, do nosso campo de estudo: a produção literária e cultural. Foi com esse objetivo que as organizadoras deste volume coordenaram em 2016 o simpósio *A Experiência do Confinamento: Literatura e Outras Produções Culturais*, que teve lugar no 14º Encontro Regional da ABRALIC, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Nossa intenção era explorar e buscar compreender o aprisionamento – e, de um modo mais amplo, outras formas de confinamento – como um problema de dimensão política, social e cultural, entendidas sempre como interligadas. Nesse sentido, o que temos chamado hoje de “crise da representação política” deve ser pensado como relacionado intimamente a uma “crise da representação literária”, enunciada numa forte demanda de autorrepresentação das minorias, como aquela dos presidiários.

Ao propormos a realização deste simpósio, partimos, cada uma, de um interesse específico, ligado às pesquisas que temos desenvolvido. Daniela Birman tem explorado um diálogo entre narrativas do cárcere e do hospício em escritores seminais da literatura brasileira; Lisa Vasconcellos desenvolve uma pesquisa sobre campos de concentração luso-brasileiros, Maria Rita Palmeira tem se dedicado à prisão contemporânea e à literatura pós-Carandiru.

A partir desse primeiro encontro, reunimos um diversificado grupo de pesquisadores, focado em estudos sobre a literatura prisional brasileira; a produção literária de distintos países de língua portuguesa; outras produções culturais sobre a prisão, como o rap; exames comparativos, entre outros temas e abordagens. Para compartilhar os primeiros resultados desses diálogos, organizamos esta publicação. Aqui, reunimos os trabalhos apresentados no evento de 2016 e outros de especialistas na produção cultural sobre a prisão. Agrupamos os artigos em torno de certos temas comuns: as diferentes ditaduras e seus tipos de encarceramento; a violência médica e psiquiátrica; o drama do Carandiru e a literatura que o sucedeu; a recepção e crítica literária da produção sobre a violência e a prisão.

Nossa primeira seção reúne estudos sobre as prisões do Estado Novo do Brasil e/ou de Portugal. Ela é aberta com o artigo “Políticas do esquecimento; trauma e fantasmagoria nas culturas brasileira e portuguesa”, de Lisa Vasconcellos. Nele, a autora confronta as experiências narradas em *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, em especial aquelas dedicadas à Colônia Correccional de Dois Rios, na Ilha Grande, às de uma figura menos conhecida do cânone literário, Candido de Oliveira, o futebolista, técnico e jornalista esportivo,

preso em outra *ilha-prisão*, no campo de Tarrafal (Cabo Verde), durante a Segunda Guerra Mundial. A análise comparativa desses autores busca denunciar o caráter fantasmático das experiências carcerárias de então, retratadas como um fora-do-mundo em ambos os lados do Atlântico.

Luciana Araujo Marques vai em sentido semelhante quando lê as memórias de Graciliano Ramos a partir das referências corporais ligadas à tentativa de “morte civil”, característica das chamadas *instituições totais* (Erving Goffman). Partindo de associação entre o cárcere e a morte, ou o cárcere e o inferno, enfatiza, no relato do escritor brasileiro, as experiências-limite atravessadas por ele e seus companheiros de cárcere, assim como a sua longa insistência na sobrevivência.

Elisa Scaraggi, por sua vez, parte do conceito de resistência, cunhado por Alfredo Bosi, para examinar a obra-prima *Papéis da prisão*, de José Luandino Vieira. Publicado em 2015 em Portugal, o livro reúne os diários, os rascunhos e as anotações mantidos pelo escritor angolano durante os anos passados no campo de Tarrafal e em prisões angolanas, para onde foi encaminhado por sua atuação na luta de Independência de Angola. No artigo, a pesquisadora examina diferentes práticas de resistência descritas e constitutivas da obra, assim como seus efeitos dentro e fora do cárcere.

Já Ana Carolina Huguenin aproxima as *Memórias do cárcere* do clássico *Recordações da casa dos mortos*, de Fiódor Dostoiévski. Em ambos os livros, temos intelectuais que, encarcerados junto a criminosos considerados como “da pior espécie”, são forçados a rever seus preconceitos. Na prisão, vão encontrar solidariedade, carinho e inocência naqueles nos quais menos esperavam.

Finalmente, em “Onde se escondiam elas” temos uma emocionante revisão da presença feminina das *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos. Partindo do reconhecimento do recalque dessa figura nas prisões e nos campos, a pesquisadora Elizabeth Ramos, neta do autor, recolhe imagens e cenas que ilustram a força da participação das mulheres nesse mundo de catástrofe e opressão.

Nossa segunda seção é dedicada ao período da ditadura militar (1964-1985) no Brasil. Ela é aberta com o exame realizado por Miguel Conde de Quatro-Olhos, de Renato Pompeu. Nesse romance, o protagonista tenta reescrever um livro, confiscado pela ditadura e desaparecido desde então. O artigo propõe discutir de que modo, nesse enredo, luto e jogo se misturam na elaboração de um passado mal digerido. Partindo do conceito de “*Nachleben*”, traduzido para o português como “pós-vida” ou “sobrevivência”, Conde busca analisar a reinvenção do passado proposta pelo livro.

Ainda nessa seção, Milena Magri lê os trabalhos de Clarice Lispector e João Gilberto Noll no contexto de violência e opressão que vigorou a partir dos anos 1960 no Brasil. Mais especificamente, seu artigo examina as experiências da dor e do prazer extremos retratados nas obras desses dois autores como reação e resistência a um regime que tinha no controle dos corpos uma das suas principais estratégias.

Na seção seguinte, nosso objeto passa a ser a violência médica e psiquiátrica posta em prática em hospícios e hospitais. Começamos com um texto de Nicola Gavioli, da Flórida International University. Por meio da leitura de duas obras contemporâneas, *Ausmerzen* (2012), de Marco Paolini, e *Holocausto brasileiro* (2013), da jornalista Daniela Arbex, seu

artigo procura delinear os problemas enfrentados pela literatura de reportagem que hoje busca inventariar as catástrofes do passado.

Daniela Birman também se dedica ao tema, cotejando dois modos de testemunhar, retirados dos relatos de Lima Barreto e Maura Lopes Cançado. O que ela propõe é uma problematização e um aprofundamento de duas concepções de testemunho já clássicas, a saber, o daqueles que contam o que viram e o daqueles que narram o que ouviram de bocas alheias.

Finalmente, chegamos aos dias de hoje e à literatura contemporânea prisional no Brasil. No primeiro artigo dessa seção, Bruno Zeni nos fala do rap, ritmo bastante popular no meio carcerário brasileiro e que se tornou uma das poucas expressões capazes de retratar a violência e a injustiça típicas desse contexto. É por meio da música e da poesia que então se resiste e se elabora a experiência prisional.

Maria Rita Palmeira examina o chamado *boom* da literatura carcerária contemporânea, centrando-se, sobretudo, em quatro obras de autoria de homens presos ou recém-saídos das cadeias brasileiras, lançadas no início do século XXI. Sua análise busca identificar as particularidades dessa escrita, considerando seus aspectos temáticos, formais e suas ligações com o modo de sociabilidade das prisões brasileiras.

Fechamos com uma seção dedicada à recepção crítica da literatura e de outras produções culturais ligadas à questão da violência e da prisão. A nosso convite, Carolina Anglada redigiu uma resenha do instigante livro *Escritos da sobrevivência*, do pesquisador e crítico João Camillo Penna. A revista se encerra com o estudo de Andrea Zeppini sobre a recepção crítica da obra de Varlam Chalámov na Rússia e no mundo. Conhecido como o Primo Levi russo, Chalámov passou grande parte de sua vida em um Gulag. Depois de solto, no final dos anos 1950, começou sua monumental obra *Contos de Kolimá*. Sua recepção, entretanto, foi atrasada pela censura política da época. Apenas em 2015, o leitor brasileiro pôde ter contato com a sua obra. Entendê-la e discuti-la é algo urgente.

Este número da revista propõe contribuir com mais um capítulo no longo e profícuo debate sobre as relações entre literatura e autoritarismo – aqui entendido em seu sentido amplo: as coerções, as diversas formas de confinamento e o disciplinamento dos corpos e das escritas.

As organizadoras

